

---

# ENTRE A NAÇÃO E A ALMA: quando os mortos são comemorados

*Regina Abreu*

“Tenho uma notícia ruim pra te dar’,  
me disse Affonso uma noite,  
de pé os dois, diante do espelho  
do banheiro.  
E meu coração se confrangeu.  
Agora já se passaram 15 anos.  
Surpreende-me que sejam tantos.”  
(Marina Colassanti, *JB*, 7.11.92)

**A** surpresa da escritora Marina Colassanti diante dos 15 anos transcorridos após aquele dia fatal poderia ter se dissipado após uma breve lembrança. Tantos aniversários de morte passam despercebidos. O aniversário da morte de Clarice poderia ser mais um deles. Mas não foi isto o que aconteceu. Em novembro de 1992, o Centro Cultural Banco do Brasil, no Rio de Janeiro, abrigou durante 25 dias um evento destinado a evocar a escritora Clarice Lispector por ocasião

da passagem dos 15 anos de sua morte. O evento consistiu na realização de uma grande exposição e na reunião de filmes, vídeos e peças de teatro produzidos a partir de seus escritos, traduções para outros idiomas, palestras, teses, ensaios. Em menos de um mês, os cem mil frequentadores daquele Centro Cultural, particularmente os amigos e admiradores da escritora, puderam desfrutar de intenso e envolvente ritual: evocar Clarice. Todos os dias, era possível assistir a um desfile de pessoas de idades e origens variadas que, seguindo as orientações do catálogo da exposição, circulavam pelo saguão e subiam as escadarias “se preparando em festa e em susto para o encontro com Clarice”.

Longe, bem longe dali, numa pequena cidade no interior de São Paulo, um ritual semelhante acabava de acontecer. Durante uma semana, a cidade de São José do Rio Pardo abrigara um

*Nota:* Este artigo é dedicado a Ângela Coutinho.

evento comemorativo em decorrência da passagem do aniversário de morte do escritor Euclides da Cunha. Palesstras, exposições, um desfile na principal avenida da cidade e uma romaria cívica ao túmulo do escritor foram as principais atividades do evento. Os hotéis da cidade, completamente lotados, hospedaram admiradores do escritor e estudantes de diversas cidades do interior de São Paulo dispostos a participar da “maratona euclidiana”. Na semana de 9 a 15 de agosto de 1992, São José do Rio Pardo, onde o escritor escreveu *Os sertões*, viveu intensamente o que alguns euclidianos qualificavam como “a vocação de cultuar Euclides da Cunha”. Particularmente nesse ano, a “semana euclidiana” foi cercada por grandes festejos. Além da comemoração pela passagem do aniversário de morte do escritor, os euclidianos comemoravam os 90 anos da publicação da primeira edição do consagrado livro e (o que me pareceu surpreendente!) os 80 anos de “comemorações euclidianas” naquela cidade. Em suma, comemoravam o aniversário daquilo que eles próprios engendraram: as “comemorações euclidianas”.

Dois escritores mortos são evocados. Duas comemorações, fundadas no mesmo aparente motivo – a passagem do aniversário de morte –, são realizadas no mesmo ano em pontos diferentes de um mesmo país. Acontecimentos à primeira vista bizarros: comemorasse a morte? Porque lembrar de alguém exatamente na passagem do aniversário de sua morte? O que esse fenômeno tem de singular?

Pretendo refletir aqui sobre uma modalidade de comemoração que consiste em evocar personalidades na passagem do aniversário de morte. Dois rituais são focalizados. Ambos dizem respeito a escritores consagrados. Procurando distinguir as semelhanças e

diferenças entre os dois rituais, centro a análise em dois eixos. O primeiro relaciona-se com o lugar dessa modalidade de comemoração nas sociedades modernas, sua função e significado enquanto “lugar de memória” num mundo marcado pela fragmentação, pela tendência à desagregação dos laços de continuidade. O segundo eixo visa apreender e tematizar as concepções diferenciais de pessoa que são ritualmente dramatizadas nos eventos enfocados, tomando como referência as distinções propostas por Trilling entre as categorias *sinceridade* e *autenticidade* (Trilling, 1972).

---

## Lugares de memória

Os autores preocupados em mapear as grandes transformações no mundo moderno sinalizam uma mudança significativa no campo da memória social. Segundo o historiador Pierre Nora, nas chamadas sociedades tradicionais, a memória estava incorporada à vivência cotidiana da tradição e do costume, desempenhando o papel decisivo de assinalar a passagem regular do passado ao futuro ou indicando do passado o que era necessário reter para preparar o futuro (Nora, 1984). No mundo moderno, a memória teria deixado de estar incorporada à vivência cotidiana da tradição e do costume, sendo substituída por “lugares de memória”. Ou seja, a memória teria deixado de ser uma função ativa do conjunto da sociedade para se tornar atributo de alguns. Ao invés de ser encontrada no próprio tecido social – no costume, na tradição –, a memória tomaria forma em lugares determinados passando a depender de agentes especialmente dedicados à sua produção.

Isto não significa que a memória tenha perdido o papel significativo que antes lhe cabia no sentido de estabelecer os laços de continuidade através dos tempos. Esse papel continuaria presente nos “lugares de memória”. Esses equivaleriam à necessidade da preservação de memórias coletivas, sem as quais a vida estancaria num eterno presente. Os “lugares de memória” seriam tanto lugares materiais, a exemplo de museus e arquivos, quanto lugares pouco palpáveis ou imateriais, como aniversários, elogios fúnebres, rituais, comemorações.

A noção de “lugares de memória” serve como ponto de partida para a nossa reflexão. Ao focar o ato de “lembrar o morto” envolvendo um ritual coletivo em dois casos específicos, deparamo-nos com uma modalidade singular de “lugar de memória”. Desse modo, este artigo pretende contribuir para o mapeamento de pequena parte desse imenso território da memória social. A noção de “lugares de memória” nos parece útil na medida em que assinala a formação de um campo com regras próprias de funcionamento, com agentes próprios, com um objeto mais ou menos definido. O historiador francês propõe a exploração de todos os sentidos da categoria “lugares”, dos mais materiais e concretos – como os monumentos aos mortos e os arquivos nacionais – aos mais abstratos e intelectualmente construídos, como a noção de linhagem, de geração, ou mesmo de região e de “homem-memória”.

---

## Lembrar o morto

O ritual de “lembrar o morto” que hoje nos parece tão banal e corriqueiro não existiu sempre. O historiador Philippe Ariès assinala que até o século XII a

morte era vista como coletiva, ligada ao destino da espécie, podendo ser resumida na fórmula “todos nós morreremos”. A partir de então, começou a surgir a preocupação característica dos tempos modernos: a morte individual, a morte de si próprio. A partir do século XVIII, o homem das sociedades ocidentais tende a dar à morte um sentido novo, porém estreitamente ligado à temática da morte individual: é a preocupação com a morte do outro, “o outro cuja lamentação e saudade inspiram ao século XIX e ao século XX o culto novo dos túmulos e dos cemitérios”.

Segundo Ariès, na Idade Média os mortos eram confiados, ou antes, abandonados à Igreja, e pouco importava o local exato da sua sepultura, que na maior parte dos casos não era indicada nem por um monumento nem mesmo por uma simples inscrição. A visita piedosa ou melancólica a um túmulo de um ente querido era um ato desconhecido. Na segunda metade do século XVIII as coisas mudaram. Para os espíritos “iluminados” desse período, a acumulação de mortos nas igrejas ou nos pequenos pátios das igrejas tornou-se intolerável. Reivindicavam-se motivos de “saúde pública” e de dignidade com relação aos mortos. Acusava-se a Igreja de tratar apenas das almas desinteressando-se dos corpos. Evocava-se o exemplo dos antigos, a sua piedade pelos mortos, atestada pelos restos de seus túmulos, pela eloquência da sua epigrafia funerária. Os mortos não deviam continuar a envenenar os vivos, e os vivos deviam testemunhar aos mortos, através de um verdadeiro culto laico, a sua veneração. Os seus túmulos tornavam-se os sinais da sua presença para além da morte. Uma presença que não supunha necessariamente a imortalidade das religiões de salvação, como o cristianismo. Esta presença era uma resposta à afeição dos sobreviventes e à sua repugnância re-

cente em aceitar o desaparecimento do ente querido. Aos seus restos se agarravam os sobreviventes. Ariès menciona alguns casos em que os restos mortais são transformados em relíquias mediante a conservação em grandes globos de álcool.

A segunda metade do século XVIII assinala o início de um processo de privatização dos mortos. A maioria das pessoas pretendeu, ou conservar os seus mortos em casa, enterrando-os na propriedade da família, ou poder visitá-los no caso de serem inumados em cemitério público. Pretendia-se ter acesso ao lugar exato onde o corpo havia sido depositado e que esse lugar pertencesse de pleno direito ao defunto e à família. A concessão de uma sepultura se converte numa certa forma de propriedade. Surge a idéia de visitar a sepultura de um ente querido como se vai à casa de um familiar ou a uma casa própria cheia de recordações.

“A recordação confere ao morto uma espécie de imortalidade, estranha ao dealbar do cristianismo. Desde o fim do século XVIII, mas ainda em pleno séc. XIX e séc. XX franceses, anticlericais e agnósticos, os descrentes serão os visitantes mais assíduos dos túmulos dos parentes. A visita ao cemitério foi –e continua a ser –, em França e em Itália, o grande ato permanente da religião. Aqueles que não vão à igreja vão sempre ao cemitério, onde ganharam o hábito de pôr flores nas campas. E aí se recolhem, isto é, evocam o morto e cultivam a sua recordação. Culto privado, pois, mas também, desde a origem, culto público. O culto da recordação estendeu-se imediatamente do indivíduo à sociedade, na seqüência de um mesmo movimento da sensibilidade. Os autores de projetos de cemitério do séc.

XVIII desejavam que os cemitérios fossem ao mesmo tempo parques organizados para a visita familiar e museus de homens ilustres, como a Catedral de S. Paulo, em Londres.”

Ariès associa esse culto aos mortos a uma representação de sociedade que emerge no final do séc. XVIII e que encontra sua expressão no positivismo de Augusto Comte. Essa representação sinaliza uma sociedade composta simultaneamente dos mortos e dos vivos, onde os mortos são tão significativos e necessários como os vivos.

“A cidade dos mortos é o inverso da sociedade dos vivos, ou, mais propriamente que o inverso, a sua imagem intemporal. É que os mortos passaram o momento da mudança e os seus monumentos são os sinais visíveis da perenidade da cidade. Assim, o cemitério reconquistou na cidade um lugar, ao mesmo tempo físico e moral, que tinha perdido no início da Idade Média mas que tinha ocupado durante a Antiguidade.” (Ariès, 1989: 43-54)

A evocação dos mortos associou-se também a outras formas de culto e visitação, além da visita ao túmulo no cemitério ou da veneração de relíquias. Conferências, pronunciamentos de elogios póstumos, rituais religiosos, lançamentos de biografias, exposições comemorativas em museus e até programas especiais de televisão são algumas das formas modernas de “lembrar os mortos”. O crescente processo de individualização no mundo moderno parece ter conferido um papel especialmente destacado ao ritual de evocação dos mortos. Num mundo de indivíduos, certos mortos tendem a desempenhar um lugar importante para a referência dos vivos. Em muitos casos, transformam-se em

bens simbólicos disputados avidamente pelo mercado. Suas famílias passaram a disputar não apenas o prestígio mas certamente também os direitos autorais e a rentabilidade financeira que emanam de mortos consagrados. Alguns chegam a ser momentaneamente ressuscitados para vender produtos na TV, como ocorreu com o poeta Vinícius de Moraes, que, através de um truque cinematográfico, passou a ser visto tomando cerveja com o parceiro Tbm Jobim decorridos alguns anos de sua morte. O anúncio tentava fazer passar a idéia de que o poeta havia ressuscitado, enunciando referências visuais de contemporaneidade. Os mortos passaram a viver na sociedade dos vivos. E num paradoxo notável, é o próprio fato de não mais existirem o que os torna mais valorizados. Observemos o desabafo da mãe do cineasta famoso reclamando que as mesmas empresas que se negavam a produzir seus últimos filmes em vida teriam passado a financiar as retrospectivas e as exposições póstumas. Num certo sentido, pois, também os mortos tornaram-se mercadorias.

---

### **“Histórias de vida” e o indivíduo moderno**

A construção de “histórias de vida” está intimamente relacionada ao domínio da História, como assinalou Pierre Bourdieu, significando a afirmação de pressupostos que repousam na idéia de que a vida constitui um todo, um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma intenção subjetiva e objetiva, de um projeto. De que esta vida obedece a uma ordem cronológica (que é também uma ordem lógica) com uma origem e um final. De que os acontecimentos da vida de um indivíduo formam uma seqüência ordenada, e toda

existência tem um sentido. Toda vida é descrita como um caminho, uma rua, uma carreira, com suas encruzilhadas, com suas armadilhas, com suas emboscadas, ou como um caminho, um trajeto, um curso, uma passagem, uma viagem, comportando um início e um fim. A narrativa biográfica geralmente preocupa-se com um sentido, uma razão, uma lógica, uma consistência e uma constância através do estabelecimento de relações. Afirma-se a idéia de que existe uma causa eficiente e final entre as etapas sucessivas de um desenvolvimento necessário. Assim, a “história de vida” de um morto comparativamente com a de um vivo aparece como um produto mais bem acabado e talvez por isso mais valorizado. Nesses casos não se corre o risco de se ter a biografia desautorizada pelo próprio sujeito biografado, nem tampouco de haver uma súbita mudança no comportamento do biografado que jogue por terra todas as afirmativas traçadas sobre o sentido da sua vida.

Walter Benjamin lembra que

“é no momento da morte que o saber e a sabedoria do homem e sobretudo sua existência vivida – e é dessa substância que são feitas as histórias – assumem pela primeira vez uma forma transmissível. Assim como no interior do agonizante desfilam inúmeras imagens – visões de si mesmo, nas quais ele se havia encontrado sem se dar conta disso –, assim o inesquecível aflora de repente em seus gestos e olhares, conferindo a tudo o que lhe diz respeito aquela autoridade que mesmo um pobre-diabo possui ao morrer, para os vivos em seu redor.” Benjamin, 1987:208)

As “histórias de vida” constituem os alicerces que estruturam os rituais de

evocação dos mortos. Lembrar do morto é falar sobre ele, relatar seus feitos, discorrer sobre suas alegrias, suas angústias, seus amores, suas aquisições, suas insatisfações, suas frustrações, suas obras inacabadas, enfim, é evocar sua passagem pela vida na terra. Uma longa tradição nesta direção consolidou-se com os relatos das vidas de santos na religião cristã. Há vários tipos de rememoração, que incluem biografias, cronologias, material iconográfico e relatos de personalidades consagradas. As biografias e cronologias são geralmente escritas por especialistas – pesquisadores dedicados a garimpar todas as “verdades” e peculiaridades sobre a vida do sujeito. Em geral, esses pesquisadores passam anos de suas vidas reunindo fragmentos deixados pelo morto: cartas, manuscritos, artigos publicados e inéditos, livros e até pedaços de guardanapo com pequenos poemas e rabiscos porventura escritos na mesa de um bar. As cronologias cristalizam verdades sobre as trajetórias biográficas: o ano e o local corretos do nascimento, as principais viagens, os encontros amorosos, os filhos, os lançamentos das principais obras, as mudanças marcantes no âmbito profissional (valorizando-se principalmente aquelas que denotam conversões à atividade que consagrou o biografado). As cronologias, uma vez estabelecidas, passam a ser tomadas como referências. Elas fornecem a base para outros tipos de relatos que enfocam um período da vida da pessoa ou uma atividade por ela exercida. É bem verdade que as cronologias estão sempre sendo construídas e que algumas datas imprecisas ou eventos duvidosos podem gerar debates que se estendem por anos. O caso de Euclides da Cunha é exemplar. Pequenas dúvidas como a data e o local corretos de seu casamento ou grandes questões como o estabelecimento de uma verdade sobre sua morte trágica

têm gerado simpósios e mesas-redondas que já duram quase um século.

O material iconográfico é muito utilizado e serve para cristalizar uma imagem visual do sujeito e do ambiente em que ele viveu. Em geral, há sempre uma imagem que se sobressai entre as demais, estabelecendo uma memória visual do biografado aceita coletivamente. Ou seja, embora os sujeitos lembrados tenham tido várias feições ao longo dos anos, na maioria das vezes um retrato vai se impondo como sua “verdadeira” imagem. Quem, ao pensar em Machado de Assis, não visualiza um senhor com barbas e cabelos brancos e um pequeno *pince-nez* redondo a circunscrever-lhe os olhos? Quem, ao pensar em Euclides da Cunha, não vê o rosto de um homem de meia idade onde sobressaem os bigodes e os olhos amendoados? E quem, ao pensar em Clarice Lispector, não desperta de imediato para uma imagem de bela mulher com ar inteligente e sonhador? Intencionalmente ou não, o fato é que este processo de construção visual corresponde a um sistema de valores. Os construtores da memória selecionam entre as imagens possíveis aquelas que expressam suas afirmações textuais. Se, por exemplo, a intenção é enfatizar no biografado suas qualidades intelectuais, dificilmente será escolhido para a principal referência visual póstuma um retrato onde ele aparece em criança ou fantasiado num baile de carnaval. Ao contrário, é comum serem omitidas algumas imagens consideradas pouco dignas. De fato, o aspecto visual constitui peça-chave na monumentalização de uma pessoa.

Relatos de personalidades desempenham um duplo papel na construção póstuma: de um lado, servem para demonstrar a perenidade do morto e de sua obra e, de outro, servem para atualizar o valor simbólico de vivos e mortos. Ao incluir nas biografias ou nos

rituais póstumos depoimentos de pessoas consagradas, os construtores de memória realizam um movimento com alto teor “aurático”, onde todos os envolvidos participam de uma troca de bens simbólicos.

Michel Foucault, em artigo publicado em 1969, chamava a atenção para a relevância de uma reflexão cuidadosa sobre esse processo incrivelmente difundido nas sociedades modernas de fabricação de imortais, notadamente centrado nas figuras de artistas de todos os gêneros e, entre eles, os escritores. Considerava o filósofo ser necessário proceder a uma análise histórico-sociológica da personagem do autor, investigando seu processo de individualização nas sociedades modernas. Eram suas indagações: a partir de que momento especialistas começaram a fazer pesquisas sobre a autenticidade e a atribuição de textos a determinados escritores? Em qual sistema de valores os escritores passaram a ser reverenciados? A partir de que momento começaram a contar não mais as vidas dos heróis, mas as vidas dos escritores? Como foi instaurada esta categoria fundamental da crítica “o homem e a obra”? (Foucault, 1969)

---

### A construção da pessoa –modelos diferenciados

Mas se as “histórias de vida” seguem padrões semelhantes, nem sempre servem aos mesmos propósitos. Analisando os rituais de evocação de Euclides da Cunha e de Clarice Lispector, percebemos que nesses casos os relatos de “histórias de vida” afirmavam valores diferenciados. Observamos também que modelos distintos de construção da pessoa eram dramatizados.

Com relação a este tema da construção da pessoa, Trilling sugere que levemos em conta nuances que tornam mais complexa a idéia de indivíduo moderno, assinalando a emergência de duas categorias-chave que sofreram contínuas elaborações num longo processo que se estendeu de fins do séc. XVIII ao séc. XIX. Essas categorias são “sinceridade” e “autenticidade”. A valorização da “sinceridade” significou historicamente um importante elemento na constituição do individualismo moderno. Tendo rompido com as antigas totalidades, como a religião, os indivíduos deixaram de perceber a si próprios como partes integrantes de um todo maior que os encompassava, para se perceberem relacionalmente. Neste contexto, sobressaiu a preocupação com a atitude frente ao outro. Os indivíduos passaram a relacionar-se uns com os outros em função de ideais erigidos em comum. Valores como fidelidade e honestidade de uns para com os outros tornaram-se estruturantes, e a vida em sociedade passou a ser predominantemente relacional.

A categoria “autenticidade” teria se afirmado posteriormente, indicando uma mudança na maneira como o indivíduo passou a conceber a si próprio. O foco principal deslocou-se da preocupação com o outro para a tematização do *self*, a busca do “autêntico”, da subjetividade associada a um impulso íntimo considerado “mais verdadeiro”. Da fidelidade e da honestidade com relação ao outro passou-se a privilegiar a fidelidade e a honestidade de cada indivíduo para consigo mesmo. Uma sociedade predominantemente relacional, onde os indivíduos se voltavam para ideais comuns, abriu caminho para uma sociedade formada por mônadas, seres autônomos e independentes. A emergência da noção de “autenticidade” assinalou uma concepção de in-

divíduo enquanto um *self* definido como unidade livre e autônoma com relação a toda e qualquer totalidade cósmica ou social.

Embora Trilling procure relacionar as categorias “sinceridade” e “autenticidade” numa abordagem histórica, observamos que, no contexto do individualismo moderno, as concepções de pessoa decorrentes num caso e no outro não se mostram mutuamente excludentes. Na vida social, as noções de “sinceridade” e “autenticidade” são, ainda em nossos dias, encontradas de forma mesclada. A diferenciação entre elas dificilmente pode ser encontrada de forma plenamente acabada. Em muitos casos, os indivíduos representam a si próprios como seres concomitantemente “sinceros” e “autênticos”.

Entretanto, quando se trata do contexto da memória social, onde os indivíduos são construídos por agentes especialmente voltados para esse fim, como é o caso dos rituais de evocação dos mortos, diferenciações como as apontadas por Trilling podem tomar formas visíveis. Focalizando as comemorações em torno de Euclides da Cunha e de Clarice Lispector, observamos uma intenção deliberada dos agentes produtores de memória de enfatizar determinadas características dos indivíduos em questão, visando expressar modelos diferenciados de construção de pessoa.

---

## 1-“SORRIA, EUCLIDES ESTÁ VIVO!”

Uma matéria publicitária publicada num jornal local, *A Gazeta do Rio Pardo*, em 8 de agosto de 1992, estampava a curiosa frase “Sorria, Euclides está vivo!”. Não deixava de ser uma maneira alegre e divertida de enunciar o sentimento da cidade de São José do

Rio Pardo em torno das comemorações pela passagem do aniversário da morte do escritor Euclides da Cunha. De fato, durante uma semana de festas e conagraçamentos o escritor adquiria uma vida incomum. Estudantes, donas de casa, profissionais das atividades mais variadas, enfim, muitos moradores da pequena cidade paulista revisitavam o escritor, lembrando de algum modo sua passagem pela cidade, sua história de vida, suas contribuições para a nação brasileira. Das dez escolas existentes na região nenhuma ficava indiferente. Todas, sem exceção, tematizavam nas salas de aula aspectos da vida e obra de Euclides da Cunha. Durante a “semana euclidiana”, de 9 a 15 de agosto, dos jardins de infância à única universidade local – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Pardo – os estudantes conviviavam com este personagem sobre o qual aprendiam dados cronológicos e históricos e, fundamentalmente, que ele havia sido o morador mais ilustre da cidade e ali havia escrito sua obra consagrada, *Os sertões*.

Bandeirolas e faixas espalhadas pela cidade deixavam entrever o clima festivo. Os dois jornais locais, *A Gazeta do Rio Pardo* e *Democrata* estampavam notícias sobre as personalidades que chegavam, bem como matérias publicitárias saudando o evento. A morte de Euclides da Cunha já completava 83 anos e aquela não era a primeira vez que os rio-pardenses se reuniam para evocar a memória do escritor. De acordo com os euclidianistas, a primeira vez tinha sido em 1912, exatamente no dia 15 de agosto, quando três anos haviam se passado desde que ele tombara mortalmente ferido no bairro da Piedade, no Rio de Janeiro.

Euclides da Cunha passou a ser comemorado em São José do Rio Pardo pelo fato de ter sido naquela cidade que

foi escrito o livro considerado um épico nacional. Euclides da Cunha morou com sua família em São José do Rio Pardo durante os anos de 1898 e 1901, trabalhando como engenheiro de obras públicas na reconstrução de uma ponte sobre o rio Pardo. O livro foi escrito no interior de uma pequena cabana durante os momentos de folga da tarefa de reconstrução da ponte.

Na passagem do primeiro aniversário de morte do escritor, alguns rio-pardenses que o haviam conhecido resolveram organizar uma homenagem póstuma. Alguém teve a idéia de sair de preto em direção à cabana. À hora combinada, da porta da Prefeitura Municipal, um grupo de cerca de seis pessoas iniciou a romaria. Durante a caminhada, a população da cidade foi aos poucos aderindo à manifestação. Foi assim que começou a “romaria cívica” em prol da memória de Euclides da Cunha. Romaria que se prolongou por vários anos, transformando-se em festa oficial da cidade de São José do Rio Pardo, com o apoio do governo do estado de São Paulo.

De 1912 aos nossos dias, as “comemorações euclidianas” foram sendo incrementadas por admiradores de Euclides da Cunha de vários pontos do país. O núcleo de euclidianos (ou euclidianistas) de São José do Rio Pardo liderou o movimento angariando novos adeptos. A pequena cidade, localizada próximo à Campinas, passou desde então a ser considerada a “meca do euclidianismo”. As “comemorações euclidianas” adquiriram um significado de tal modo especial em São José do Rio Pardo que, desde 1925, com a aprovação de um projeto de lei pela Câmara Municipal, o dia 15 de agosto foi instituído como feriado municipal. A partir de então, a cidade passou a ter dois feriados: o dia 19 de março, data da fundação da cidade, e o dia 15 de agos-

to, data da morte de Euclides da Cunha. Desse modo, no aniversário de morte do escritor, o ritmo do cotidiano passou a ceder lugar ao ritmo do extraordinário, da festa, da lembrança. Nas palavras de um euclidianista, “em 1925, a Municipalidade declarava o dia 15 de agosto ‘Dia de Euclides’, e fazia dele feriado comemorativo da saudade do grande morto” (Lauria, 1985).

Em 1992, euclidianos e moradores da pequena cidade celebravam os 80 anos de “comemorações euclidianas”. Desse modo, rememoravam os principais acontecimentos que tiveram lugar durante uma longa seqüência de eventos comemorativos. Levavam às últimas conseqüências o potencial das comemorações: comemoravam as comemorações. O “Desfile de Abertura” da semana, no dia 9 de agosto, tematizava a evolução do movimento através dos anos. Escolas, clubes, entidades, associações, bandas e fanfarras desfiliavam em animadas alas pela rua principal para uma platéia que se comprimia nas calçadas ou num pequeno palanque armado no centro do desfile. Os estudantes portando longas faixas lembravam as principais conferências e os nomes dos conferencistas que passaram pela cidade desde 1912.

Os euclidianos discursavam no palanque recordando os principais momentos do euclidianismo e agradeciam o apoio constante da população em todos aqueles anos. Lembravam o início do movimento, quando visitantes ilustres e estudantes de outras partes do país eram alojados pelos moradores em suas próprias casas; recordavam os casamentos que aconteceram motivados pelas “comemorações euclidianas”; citavam os animados bailes que sempre fizeram parte dos festejos e os nomes de muitos estudantes que a partir das “maratonas euclidianas” despertaram para o estudo da vida e obra do escritor.

Eram também enaltecidos os esforços empreendidos na reconstituição da paisagem que inspirou o escritor: a restauração da cabana, a colocação em seu interior da mesa e do banco onde ele trabalhou e o ajardinamento da área. A cabana era sem dúvida a principal relíquia. Ao longo dos anos, estabeleceu-se uma relação metonímica entre esse objeto “autêntico” do escritor e seu gênio criador. A cidade de São José do Rio Pardo, onde ele viveu, e a cabana onde escreveu sua principal obra passaram a ser cultuados como testemunhos materiais de sua presença, evidenciando uma relação íntima entre coisas e espíritos. Preservando-se os objetos mais “autênticos” do escritor, sua “aura” era preservada.

Os euclidianos faziam referência a outros momentos significativos como a construção da “herma de Euclides da Cunha” em 1918, a edificação, por iniciativa da Prefeitura Municipal, de uma redoma protetora para a cabana em 1928, a consolidação das comemorações euclidianas em 1935 com a instituição das “semanas euclidianas” prolongando por uma semana aquele ritual que nos primeiros anos restringira-se ao dia 15 de agosto, dia da morte de Euclides. Citavam também a criação das “maratonas intelectuais euclidianas” com a reunião de estudantes oriundos de várias partes do país, especialmente do interior de São Paulo, visando à participação em cursos ministrados por especialistas na vida e obra do escritor, com direito a prêmios para os melhores colocados. Referiam-se ainda à restauração e ao tombamento da casa onde Euclides havia morado com sua família que, com apoio do governo do estado de São Paulo, em 1946, transformou-se na “Casa Euclidiana”, abrigando importante acervo. Por fim, assinalavam a aquisição recente, em 1982, dos restos mortais do escritor e

de seu filho, Euclides da Cunha Filho. Os restos mortais depositados num mausoléu especialmente construído próximo à cabana completavam um conjunto de relíquias especialmente significativas para a consolidação do ritual de lembrar Euclides.

### *Os euclidianos*

Um médico, dr. Oswaldo Galotti, foi um dos grandes incentivadores das “semanas euclidianas” e dos estudos biográficos sobre o autor. No seu entender, conhecer a vida de Euclides da Cunha era não apenas encontrar algumas chaves para a compreensão de sua obra, mas fundamentalmente travar contato com uma “história exemplar” capaz de fornecer orientação e sabedoria a todos os que dela se aproximassem. Para o dr. Galotti, uma figura animada e falante, que adora valsar nos bailes com uma juventude rara em seus mais de 80 anos, pesquisar e narrar aspectos da vida de Euclides da Cunha constitui um dos principais objetivos das “comemorações euclidianas” e de sua própria vida.

Os euclidianos efetivamente imprimem suas marcas nas narrativas biográficas que tecem sobre o autor de *Os sertões*. Neste sentido, distinguem-se de outros estudiosos da literatura brasileira que vêem em Euclides da Cunha um autor importante, porém equivalente a muitos outros. Confessam-se admiradores do escritor, e é essa relação de admiração que move o trabalho de pesquisa e difusão que realizam. Alguns chegam ao ponto da devoção, pregando suas idéias, seguindo seus exemplos e realizando minuciosas e intermináveis pesquisas em arquivos e bibliotecas. São “narradores”, no sentido que Walter Benjamin atribui ao termo em seu ensaio “O narrador”:

“A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de arte-são —no campo, no mar e na cidade —, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso.” (Benjamin, 1987:205)

Walter Benjamin contrapõe o “reino narrativo”, um reino que teve longa vida na Antiguidade e que no mundo moderno encontra-se em extinção, ao “mundo da informação”:

“Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação.”<sup>1</sup> (Benjamin, 1987:203)

Estabelece-se entre os euclidianos e o autor de *Os sertões* uma relação metonímica —de identificação e de continuidade. Ao narrarem trechos da história de vida do escritor, muitas vezes enunciam pontos de contato com suas próprias histórias de vida. O dr. Galotti, por exemplo, referiu-se a aspectos comuns da vida do escritor e da sua própria vida citando-os como as razões que o levaram ao euclidianismo. Esses aspectos eram a peregrinação pelo interior; a preocupação com o outro, com os despossuídos e com a construção da nação brasileira. Uma das fontes de difusão do movimento, o suplemento

literário publicado pelo jornal *A Gazeta do Rio Pardo*, encontra-se repleto dessas narrativas duplamente biográficas. O escritor euclidiano Paulo Dantas, por exemplo, justificava sua adesão como ligada à necessidade de construção da memória de um escritor identificado com a nação brasileira: “Memória é amor e só guardamos e lutamos por aquilo que amamos. E o amor euclidiano neste instante em que o Brasil procura ser um País sem memória ou uma Nação sem tradição é um sinal alentador, saber e constatar que aqui, em agosto todos os anos, reunidos estamos em torno da memória daquele Escritor que tanto amou e se exauriu pelo Brasil.” (*Suplemento Euclidiano*, agosto de 1988)

Num ensaio publicado no *Suplemento Euclidiano* de agosto de 1985, um outro euclidiano, o rio-pardense Marcio José Lauria, comparava o dr. Galotti ao próprio Euclides lembrando o trabalho de ambos em prol da cidade de São José do Rio Pardo, embora nenhum dos dois tivesse nascido naquela cidade: “(...) filho adotivo de São José do Rio Pardo, como o é Euclides da Cunha, as vitórias de Oswaldo Galotti necessariamente hão de ser vitórias da nossa cidade.” O ensaio voltado para comemorar os 50 anos de euclidianismo do dr. Galotti enfatizava a relação de ambos com o Brasil. O dr. Galotti teria percebido o “potencial de educação, de cultura e de civismo” contido em Euclides da Cunha. “E mobilizou a comunidade toda, fê-la participar de todas as fases de uma verdadeira guerra cívica, em que gradualmente se transformaram as Semanas Euclidianas de sua inspiração, de sua responsabilidade direta por tanto tempo. (...) Nas Semanas Euclidianas, Euclides jamais deixou de ser o leitmotiv, mas nunca foi o tema único. Universidade aberta, mais importante do que Euclides sem-

pre foi nas *Semanas Euclidianas* a hora presente, o Brasil presente.”<sup>2</sup>

O que transparece no caso deste ritual é a permanente atuação dos euclidianos, agentes produtores da memória social. Estes efetivamente “inventaram uma tradição”, para usar a expressão cunhada por Hobsbawm. O fato de conceberem-se como continuadores da missão intelectual do escritor faz com que acrescentem, com novos trabalhos, aspectos considerados inconclusos. Num levantamento preliminar, detectamos em torno de oitenta a cem euclidianistas sistemáticos e fiéis. Esse grupo comparece às solenidades em São José do Rio Pardo e também em Cantagalo, cidade natal do escritor, onde há uma “Casa Euclidiana” e, anualmente, comemora-se a data de nascimento do escritor. Além disso, desenvolvem atividades em outras cidades, notadamente na capital e no interior paulista. Há várias gerações de euclidianistas que vêm se sucedendo desde 1912. O recrutamento de novos adeptos se faz de forma organizada, por meio das maratonas ou ciclos de estudos. Grande parte dos euclidianos são egressos de cidades do interior paulista (Jundiaí, Campinas, Itureva, Bragança Paulista, Franca, Botucatu, Orlandia, São José do Rio Pardo, Dourado, Espírito Santo do Pinhal). Há também elementos oriundos da capital paulista, de Belém, de Aracaju, de Serrinha (BA), do Rio de Janeiro, entre outras cidades do país.

Envolvendo um ritual de conagração entre os participantes, a “semana euclidiana” realiza de forma exemplar o potencial de um “lugar de memória”. Ao se dirigirem para a cidade anualmente, ao participarem das mesmas atividades que se repetem todos os anos, os euclidianos parecem haver encontrado um referencial seguro, um ponto fixo e extraordinário que con-

trasta com o cotidiano de suas vidas. O ritual de lembrar Euclides da Cunha permite que essas pessoas vivam experiências de encontros e reencontros, criando entre elas laços de continuidade. Apesar de pequenas modificações de ano para ano, há uma constância na programação que inclui os mesmos consagrados eventos como o desfile de abertura, a conferência principal, a romaria à cabana (e agora ao túmulo) do escritor. Já há muitos anos hospedam-se nos mesmos hotéis, almoçam juntos e ficam felizes em saber que tudo de certa forma está como deixaram um ano atrás. Mantêm uma relação extremamente familiar com as pessoas que trabalham nos locais que freqüentam e aproveitam o evento para contabilizar e celebrar os vivos e os mortos.

Mas por que lembrar exatamente Euclides da Cunha? Para os euclidianos e para os moradores de São José do Rio Pardo que apóiam as “comemorações euclidianas”, uma reivindicação é exaustivamente sublinhada: a valorização do interior do país. Euclides da Cunha emerge como um escritor que atribuía um valor positivo a esta região. Uma representação de nação é permanentemente evocada, atribuindo ao interior um valor de expressão da nacionalidade, “o cerne da nacionalidade”. Citando trechos da obra consagrada, buscam de certa forma a consagração de si próprios e da região com a qual se identificam. Não importa o quanto esta visão tenha de idealizada e de imaginária, importa a sua eficácia num mercado de bens simbólicos.

A evocação de Euclides da Cunha expressa a busca de valorização do mundo rural, do sertão, em contraposição ao mundo do litoral, urbano, cosmopolita, considerado falso na medida em que voltado para a cultura importada. Os euclidianos identificam a si próprios como adeptos de uma tradição

regionalista, onde a brasilidade é identificada com noções como raízes, interior, região, povo, terra.

O Euclides dos euclidianos é um homem identificado com o interior do Brasil, e eles muitas vezes ressaltam alguns de seus aspectos biográficos para comprovar esta tese, como as viagens que o escritor empreendeu pelo interior de São Paulo como engenheiro de obras públicas no começo do século. Ou citam uma frase onde ele textualmente afirmava desprezar a vida fácil das grandes cidades, o cosmopolitismo que identificava como prejudicial ao afloramento do “verdadeiro sentimento nacional”: “Alimento há muito o sonho de uma viagem ao Acre. Neste país para tudo se fazer são necessários mil pedidos e mil empenhos, duas coisas que me repugnam. Pensamos demasiadamente em francês, inglês ou mesmo em português. Quero pensar brasileiroamente. Quero viver brasileiroamente.”

Ou ainda citam o trecho de uma carta sua ao então prefeito de São José do Rio Pardo, Francisco Escobar, na qual o escritor se queixava da vida agitada e efêmera do Rio de Janeiro, enaltecendo momentos passados na pequena cidade do interior: “Ai que saudades do meu escritório de zinco às margens do rio Pardo, creio que se persistir nesta agitação estéril, nada mais produzirei de duradouro”.

A frase, gravada numa placa de bronze e afixada na porta da cabana, valoriza a oposição entre o litoral considerado efêmero e o interior visto como duradouro e representativo de uma cultura nacional.

Ao preservar as relíquias de um escritor nacional, São José do Rio Pardo ascende à condição de cidade-monumento, o que foi confirmado pelo tombamento da cabana pelo Patrimônio Histórico Nacional.

## O Euclides dos euclidianos

Na construção do personagem, enfatiza-se em Euclides da Cunha a força do herói que luta contra o destino adverso e que mesmo morto de forma trágica ressurgiu na esteira da imortalidade com a consagração do gênio criador. As principais características atribuídas a ele são a lealdade, a firmeza, a convicção, a luta por ideais, a força de caráter. Seu compromisso com a nação brasileira é ressaltado. O autor de *Os sertões* é apresentado como ativo protagonista de fatos marcantes da passagem do século: a luta pela abolição da escravatura, o movimento republicano e as profundas transformações sociais do período. Os euclidianos mostram como o escritor participou ativamente da sociedade do seu tempo. Como assinalou Nicolau Sevcenko, Euclides da Cunha era um “mosqueteiro intelectual” lutando pelos ideais republicanos. Foi também um “paladino malgrado” quando se sentiu traído pelos novos “donos do poder” que teriam feito malograr a República dos seus sonhos.

Valoriza-se a relação deste engenheiro-escritor e jornalista-repórter com o positivismo. Os euclidianos persistem nos mesmos objetivos de busca da verdade dos fatos. Trabalham incessantemente na análise de novos documentos sobre a vida e obra do escritor. Enaltecem o fato de ter sido ele o primeiro a realizar uma reportagem *in loco* no Brasil quando partiu em direção ao interior da Bahia para ver de perto o final da guerra de Canudos. Seu livro teria sido escrito com base científica. O fato de ter presenciado os acontecimentos que narrou funcionaria neste caso como um argumento de autoridade.

Euclides é também associado aos fracos e oprimidos. Os euclidianos fa-

zem questão de narrar casos que testemunham sua honestidade, sua recusa à política do compadrio, bem como sua postura crítica com relação à sociedade de corte e aos poderosos do Império e da República. A noção de sinceridade estrutura a construção deste personagem. Uma relação metonímica entre euclidianos, Euclides e a nação brasileira alicerça o culto. Indagado sobre “Por que Euclides da Cunha?”, o dr. Galotti centrou sua resposta em alguns pontos básicos que no seu entender uniriam euclidianos, Euclides e o Brasil: a preocupação com a organização social do Brasil; a cultura e a sensibilidade do escritor sintonizadas com a realidade brasileira; a consciência sobre a verdade do Nordeste, da Amazônia, da questão das nossas fronteiras e da necessidade de um maior entendimento entre as nações sul-americanas; a defesa do sentido de liberdade individual e coletiva no contexto dos ideais democráticos da República; e a linguagem artística e eloqüente que constitui uma das mais belas e originais páginas da literatura brasileira.

Alguns exemplos de sua história de vida são narrados repetidas vezes com o intuito de reiterar essa visão. Sob este ângulo, o ritual celebrativo que estamos enfocando é também um ritual narrativo com uma comunidade de narradores e uma comunidade de ouvintes que interage e escuta as mesmas histórias todos os anos. Por meio delas, valores são transmitidos para a ação no presente e no futuro. Uma dessas histórias conta que quando Euclides tinha 20 anos, em 1886, aderiu aos ideais republicanos. Em certa ocasião, na Escola Militar, onde era aluno, anunciou-se que o ministro da Guerra do Império, Tomás Coelho, passaria em revista a tropa. Os alunos republicanos teriam decidido não prestar continência e atirar os sabres aos pés

do ministro. Mas, no dia marcado, com medo das punições, todos teriam voltado atrás em suas decisões. Menos o intrépido Euclides. Esta atitude desencadeou uma série de punições, culminando com sua baixa da Real Escola Militar em 1888. Posteriormente, ele teria sido recompensado por sua firmeza de caráter, fidelidade aos companheiros, honestidade e adesão coerente aos ideais republicanos. Os euclidianos narram que no ano seguinte, com a Proclamação da República, o então cadete teria passado de “louco a herói”, sendo saudado pelos republicanos e reintegrado ao Exército. A atitude nobre e heróica do escritor em defesa de seus ideais teria sido portanto recompensada. Essa história é narrada com um sentido pedagógico aos jovens estudantes que se reúnem em São José do Rio Pardo visando a despertar o sentimento cívico.

Outro episódio é contado com frequência. Floriano Peixoto, então presidente da República, convocou Euclides em 1893 a fim de lhe conceder um cargo como uma espécie de pagamento por sua luta em prol da República. Ao ser indagado pelo marechal sobre suas aspirações, Euclides respondeu: “Quero que se cumpra a lei.” Diante de um marechal surpreso, mencionou uma lei que concedia aos formandos em engenharia o direito a um estágio na Estrada de Ferro Central do Brasil. Essa era pois sua pretensão, realizar o estágio de engenheiro recém-formado, fazer cumprir a lei. Teria dito Euclides numa carta a Lúcio de Mendonça: “(...) declarei-lhe ingenuamente que desejava o que previa a Lei para os engenheiros recém-formados: um ano de prática na Estrada de Ferro Central do Brasil. (...) E tive ainda a inexplicável satisfação de descer orgulhosamente o saguão e sair agitando não sei quantos sonhos de futuro (...)”

Os euclidianos comentam a dimensão desta atitude de Euclides. Enquanto os adeptos do movimento republicano disputavam cargos e privilégios, formando nova casta de poderosos, o então jovem engenheiro dava uma lição ao país, buscando preservar as instituições e o respeito à lei.

Toda a trajetória do escritor é descrita no sentido de afirmar sua fidelidade a ideais que foram sendo construídos nos primeiros anos de sua vida e conservados até sua morte. O ideal central, o nacionalismo, reveste-se de variadas formas, e suas atividades profissionais –jornalista, engenheiro de obras públicas, escritor –são valorizadas na medida em que estão intimamente relacionadas com a construção da nação. Sua coragem e retidão são enaltecidas. Essas e outras pequenas histórias vão servindo para consolidar o personagem. Entre elas, sem dúvida a mais importante é a da sua participação no final da Guerra de Canudos quando, contrariando as teorias racistas da época, como assinalou Gilles Lapouge, descobriu a intratável grandeza dos “incuráveis”, dos “degenerados”, dos “históricos” de Canudos. Descobriu a beleza dos mestiços, passando a admirar sua habilidade, sua generosidade, sua dignidade, sua glória e sua bela esperança.

Desse modo, o ritual de evocação de Euclides da Cunha em São José do Rio Pardo tem o dom de reviver (ou de reinventar) esse personagem que num domingo cinzento, na Estrada Real da Piedade, tombou de forma trágica vitimado pelos disparos do cadete Dilermando de Assis, amante de sua esposa. E nós, envolvidos pela atmosfera incomum dessa comemoração evocativa de um “morto nacional”, não podemos deixar de atender ao simpático apelo do dentista rio-pardense e sorrir. Afinal, Euclides está vivo!

---

## 2 - “A PAIXÃO SEGUNDO CLARICE LISPECTOR”

O título do evento já sugere o terreno em que estamos ingressando: terreno da paixão e da subjetividade. Outros títulos, de matérias jornalísticas publicadas na ocasião, reiteram: “Clarice, perto do coração”, “Paixão misteriosa de Clarice”, “Clarice Lispector: viagem ao coração selvagem”, “Que mistérios tem Clarice”. Paixão, coração, alma: domínios de uma singularidade qualificada como misteriosa e selvagem. A imprensa desempenha um papel preciso nesse ritual: por meio da repetição faz ecoar o evento, difunde-o, duplica-o. Os títulos das matérias indicam uma pessoa singular. Resta encontrar Clarice. Entrar em contato com sua vida e obra.

### *Onde encontraremos Clarice?*

O Centro Cultural Banco do Brasil é uma instituição recente. Localizado em área tradicional da cidade do Rio de Janeiro, no coração do centro, ao lado da igreja da Candelária, sua criação em 1989, na antiga sede do Banco do Brasil, resultou de uma iniciativa da direção e dos funcionários do Banco do Brasil diante da crescente deterioração do prédio. Segundo eles, o prédio merecia ser preservado por ser “um dos mais antigos da cidade e de expressivo valor arquitetônico”. Desde então passou a abrigar um museu que havia sido fundado em 1950 para preservar uma antiga coleção de moedas, um arquivo histórico e uma biblioteca. O Centro Cultural Banco do Brasil dispunha também de um amplo saguão e vastos salões que foram reformados para abrigar salas de exposição, teatro, cinema, vídeo, restaurante e cafeteria.

Desde o início abriu-se a várias tendências, financiando projetos apresentados por produtoras culturais ou promovendo eventos patrocinados por outras empresas. Podemos dizer que o CCBB vive sob o signo do efêmero. As salas de exposição ou de teatro e cinema apresentam uma diversidade de programas que geralmente duram poucos dias.

As relíquias de Clarice foram transportadas para uma sala onde diversas exposições já haviam sido realizadas em outras ocasiões. O CCBB vem desenvolvendo uma tradição de eventos comemorativos em torno de uma gama diversificada de artistas e intelectuais vivos e mortos. Em geral, são privilegiados personagens identificados com a cidade do Rio de Janeiro. O tema da cidade está sempre presente pelo próprio motivo da historicidade e da importância do prédio e do próprio Banco do Brasil na vida do Rio. Mas, talvez devido aos traços cosmopolitas e universalistas do Rio de Janeiro, não se verifica uma tendência rigorosa nesse sentido. No CCBB cabe um pouco de tudo, personagens nacionais e estrangeiros, temas os mais diversos. Por ser um espaço cultural muito disputado, vem desempenhando o papel de veiculador das novidades no universo cultural nacional e internacional.

Desse modo, o ritual evocativo de Clarice ocorria num espaço bastante diverso daquele consagrado à memória de Euclides da Cunha. Se, em São José do Rio Pardo, buscava-se perenizar a passagem do escritor pela cidade sedimentando num local apropriado as suas relíquias, no CCBB realizava-se um ritual passageiro. No mês seguinte aquela mesma sala alocaria outros eventos. As relíquias de Clarice não encontrariam ali um espaço de consagração permanente. A máquina de escrever da escritora, bem como todo um

conjunto de objetos – a carteira de identidade, fotos de infância, fotos da família, cadernos de anotações, lenços de papel com frases anotadas rapidamente, livros, dedicatórias, manuscritos – permaneceriam por breve tempo reunidos em exposição. Se a cabana de Euclides foi tombada pelo Patrimônio Histórico Nacional, o mesmo não poderia ocorrer naquele local com os objetos da escritora. Sua principal relíquia, uma antiga máquina de escrever Underwood, transportada para esta breve evocação, voltaria a ser guardada pelos herdeiros. Outros objetos seriam, após a desmontagem da exposição, devolvidos à Fundação Casa de Rui Barbosa, detentora de grande parte de seu acervo. Efetivamente não estávamos diante de um templo da memória nos moldes da cidade de São José do Rio Pardo. Todas aquelas relíquias permaneceriam ali apenas o tempo suficiente para que nos informássemos sobre a escritora, nos deleitássemos com suas palavras, para depois conhecer outro personagem. Clarice era evocada na mesma sala que antes havia abrigado, entre outros, Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade e Mozart. A mesma sala que no futuro abrigaria muitos outros eventos. A própria curadora da mostra em seguida faria, no mesmo espaço, uma exposição sobre o cineasta Glauber Rocha, comemorativa do aniversário do filme *Deus e o diabo na terra do sol*.

Também os organizadores da mostra não pareciam deter as características de narradores no sentido que lhe atribui Walter Benjamin. O CCBB é um espaço altamente profissionalizado e preso a normas. Vinculado diretamente ao Estado, conta com profissionais especialmente treinados para o desempenho de atividades culturais. Neste sentido, define-se como um espaço moderno, destinado à informa-

ção. O próprio folheto de apresentação assinalava:

“Até 12 de outubro de 1989, data da abertura do Centro Cultural Banco do Brasil, a imagem do prédio da Rua Primeiro de Março 66 esteve sempre ligada ao mundo dos negócios. (...) Inaugurado como sede da Associação Comercial, em 1906, sua rotunda abrigava o pregão da Bolsa de Fundos Públicos. (...) No final dos anos 80, (...) o Banco do Brasil oferece ao Rio de Janeiro um centro de cultura de gabarito internacional. O projeto de adaptação conservou o requinte do traçado original (...). Mas agora é outro o negócio. Ocupado pela cultura, o prédio transformou-se em pólo de múltiplas atividades e fórum de debates. A proposta é formar público através da oferta de produtos de qualidade. Formar e informar.(...)”

Neste documento duas idéias sintetizavam as características do espaço onde Clarice era lembrada: “cultura como negócio” e “formação e informação”.

Neste espaço, o objetivo principal estava ligado à originalidade, ao ineditismo, à novidade da informação. Não parecia haver lugar para a formação de um culto a um escritor que se repetisse indefinidamente através dos anos. Difícilmente uma personalidade seria lembrada por dois anos consecutivos. Como assinalou Walter Benjamin, “a informação só tem valor no momento em que é nova. Ela só vive nesse momento, precisa entregar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo tem que se explicar nele. Muito diferente é a narrativa. Ela não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver.” (Benjamin, 1987:204)

### *Quem quer evocar Clarice?*

“Tempo de amor o nosso agora. Por Clarice, com Clarice, para Clarice. Que o Deus, como ela dizia, nos dê luz e o ancestral, engenho e arte para que o espaço se faça em casulo. Linguagem bastante para dizer saudade.”

O texto do catálogo assinado pela curadora da mostra, Gisela Magalhães, deixava entrever uma simpatia pela escritora. Mas Gisela não era uma amiga ou uma seguidora das idéias de Clarice Lispector no mesmo sentido que os euclidianistas o são de Euclides. Em entrevista aos jornais, ela se definia como uma arquiteta que “debandou” para a montagem de “exposições não convencionais”.<sup>3</sup>

Em suma, a montagem de “A Paixão segundo Clarice Lispector” refletia uma exposição evocativa de um personagem literário, somando-se a outras exposições sobre outros personagens na extensa e brilhante carreira de Gisela Magalhães.

A curadora confessava ter sido influenciada em sua formação por Clarice Lispector, mas foi nos dois meses de trabalho que precederam a montagem do evento que leu “enlouquecidamente” os textos de Clarice “para captá-la”. Havia a intenção explícita de fazer um trabalho autoral, artístico. Gisela não visava, como os euclidianistas, encontrar a verdade do autor e transmiti-la. Seu objetivo era deliberadamente criar e afirmar sua própria Clarice.

Esta visão do artista que se distingue do intelectual era reiterada por Gisela em uma entrevista concedida à *Revista de Domingo do Jornal do Brasil*.

A intenção da exposição, segundo ela, era “sussurrar no ouvido das pessoas, entrar na intimidade, se recolher, co-mover, mover junto dentro do clima de Clarice”.

### Como Clarice é evocada?

Um catálogo, uma exposição, leituras dramáticas de textos da escritora, uma mostra de vídeo e de filmes inspirados na obra de Clarice, um ciclo de palestras e alguns depoimentos de amigas íntimas da escritora eram os principais eventos. O repórter de *O Estado de S. Paulo*, José Castello, avisava: “O CCBB pretende traçar um retrato fragmentado e inquieto da escritora, seguindo o estilo quente e paradoxal de sua obra.”

Entramos na sala da exposição: “Estou em luta com a vibração última.” A frase superposta a uma foto de Clarice no final da vida tenta flagrar seus últimos movimentos. Entramos em sintonia com o ritual de “lembrar o morto”. Sabemos que Clarice está morta. Podemos tecer sua memória.

O texto do catálogo anuncia: “entraremos no timbre de suas palavras”. As palavras tomarão corpo para lembrar Clarice. Palavras escritas pelas paredes, palavras e mais palavras (Gisela Magalhães quis transformar palavras em objetos), poemas, pensamentos, “frases sem sentido, que eram a sua liberdade”. A meta é provocar os sentidos: nada de textos para a compreensão racional. O evento busca reproduzir o que os organizadores da exposição avaliam terem sido as características essenciais da personagem. Provocar “impacto de sílabas ofuscantes”. Clarice “pouco se importava em ser entendida, pois sabia não escrever por escolha, mas por íntima ordem de comando”. Sentir *versus* entender, paixão *versus* razão, escrever por impulso interno: características que servem para delimitar a pessoa que é lembrada.

“Clarice se faz inteira nesses fragmentos, nesses estilhaços de si mesma, que agora se juntam plenos de vida, tanta vida, tanta.” Uma pessoa-escrito-

ra que escreve sobre si, sem se importar com o mundo externo, sem estar balizada por ele, que escreve e vive “por íntima ordem de comando”. Ingressamos no universo do indivíduo autêntico, tão diverso do sincero Euclides preocupado com a nação, com a honra, com a honestidade. O compromisso maior de Clarice é para consigo mesma.

Enfatiza-se o aspecto artístico e inédito da exposição (a informação só tem valor no momento em que é nova): mostrar pela primeira vez os quadros de Clarice. A escritora é exposta também como pintora. Seu compromisso é com a criação e com a invenção, encontra-se distante portanto do escritor que busca descrever um fato, encontrar a verdade sobre aquilo que narra, aquilo que vê, aquilo que pesquisa e busca compreender. Os textos nas paredes confirmam: estamos “bem perto do selvagem vermelho do seu coração”. Estamos bem perto de amigos e amigas íntimas de Clarice, de “sua companheira mais íntima, a velha máquina de palavras”, “amiga que captava suas sutilezas e a fazia viver intensamente essas palavras, suas palavras”: a velha máquina Underwood, instrumento de sua vasta criação, prolongamento em matéria daquela que no mundo dos vivos não mais se encontra em carne-e-osso.

No catálogo, um breve depoimento das organizadoras do evento. A tônica recai sobre a idéia de reviver Clarice: “na passagem do 15º aniversário de sua morte, Clarice parece estar mais viva do que nunca”. Pressentimos a intenção quase que de vingar seu destino trágico: “Não vou morrer, ouviu Deus? Não tenho coragem, ouviu?” Mas como reviver Clarice? Por meio de “sua obra que surge integralmente relançada (...) tudo se tomando por sua presença”.

Lemos o depoimento de um artista consagrado, Caetano Veloso, relatando seu encontro com Clarice. Chegamos

mais perto dela revivendo os encontros de Caetano e Clarice. "O primeiro contato com um texto de Clarice teve um enorme impacto sobre mim." O primeiro contato é pontuado por sensações, aqui não se fala em compreensão do texto, nas idéias propriamente veiculadas. Aqui enunciam-se as sensações provocadas pelas palavras da escritora: "fiquei com medo", "senti muita alegria por encontrar um estilo novo, moderno", "essa alegria estética (eu chegava mesmo a rir) era acompanhada da experiência de crescente intimidade com o mundo sensível que as palavras evocavam, insinuavam, deixavam dar-se". O texto avisa: "ler Clarice era como conhecer uma pessoa".

Fotos da escritora ainda menina, fotos emolduradas dos pais e das irmãs de Clarice: início, origem, berço, infância. "E ninguém é eu, e ninguém é você. Esta é a solidão." Uma imagem de Clarice moça já escritora dedilhando uma máquina de escrever. A escritora não se funda na relação com os outros, não se coloca como elo de uma corrente numa eventual continuidade entre passado e presente. Aqueles que a fabricam a querem única, intransferível, singular. Página seguinte: "minha liberdade é vermelha" sobre o fundo de sua imagem em negativo. Por dentro e por fora, da direita à esquerda, a escritora perfaz um todo.

Novo depoimento. Agora é a vez da amiga íntima Nélida Piñon. Aquela que a viu morrer: "quando o arpão do destino, enviado naquela sexta-feira de 1977, atingiu-lhe o coração às 10:20 da manhã, paralisando sua mão dentro da minha, compreendi que Clarice havia afinal esgotado o denso mistério que lhe freqüentara a vida e a obra." O depoimento da amiga vem sancionar a oposição entre paixão e razão, entre arte e ciência. A escritora em foco é uma artista e não uma teórica. Alguém que "ia

direto ao coração das palavras e dos sentimentos". Descreve Nélida: "À tarde, fomos ao auditório da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Após intenso debate estético entre dois proeminentes teóricos, Clarice Lispector ergueu-se irada de sua cadeira, instando-me a segui-la. Lá fora, entre o arvoredo do parque, tomamos café na cantina. Transmitiu-me, então, o seguinte recado, com sabor de café e indignação: -Diga a eles que se eu tivesse entendido uma só palavra de tudo que disseram, eu não teria escrito uma única linha de todos os meus livros. Clarice era assim. Ia direto ao coração das palavras e dos sentimentos."

Nélida descreve também o cenário em que desfrutou da amizade da escritora: o Rio de Janeiro, o Leme, "precisamente na rua Gustavo Sampaio 88". Mas Clarice não se relacionava com este entorno. Preferia uma geografia da alma, preferia ficar absorta consigo mesma: "Seus olhos, abstraídos, como que venciam uma geografia exótica, de terra áspera e revestida de espinhos. Imaginava eu então que espécie de mundo verbal tais viagens lhe poderiam suscitar." A amiga enfatiza seu lado cosmopolita, universalista. Lembremo-nos que Clarice não nasceu no Brasil, mas na Ucrânia, tendo-se nacionalizado brasileira às vésperas do casamento. "Neste rosto de Clarice convergiam aquelas peregrinas etnias que venceram séculos, cruzaram oriente e Europa, até que ancorassem no litoral brasileiro, onde veio ela afinal tecer ao mesmo tempo o ninho da sua pátria e o império da sua linguagem. Estava nela, sim, estampada a difícil trajetória da nossa humanidade, enquanto outra vez seu olhar pousava resignado na areia da praia de Copacabana que o carro, devagar, ia deixando para trás. "A "pátria" é o fruto de uma escolha, não de uma fatalidade.

Fixa residência no litoral brasileiro, local tantas vezes representado por escritores e ideólogos da nacionalidade como mais cosmopolita, mais influenciado pelo exterior. Clarice é mais associada à idéia de uma humanidade do que de uma nacionalidade específica.

O depoimento seguinte é do colega de trabalho, o jornalista Lúcio Cardoso, com quem passou a trabalhar em 1941 na Agência Nacional. De todos os depoimentos é o mais antigo, escrito quando Clarice ainda vivia. Lúcio chama a atenção para um *self*, um lugar íntimo, interno, um "fogo", "alguma coisa íntima que está sempre queimando" e que faz a sua singularidade. Lúcio aproxima essa "coisa íntima" de sua identidade feminina: "esse fogo é o segredo íntimo e derradeiro de Clarice: é o seu segredo de mulher e de escritora." Tecendo uma comparação com Guimarães Rosa, a identidade feminina é assinalada como crucial: "não há homem em Clarice Lispector. Por isto é que ela arde. Suas fábulas, e mesmo as mais extensas, delatam a presença única desse problema —a mulher sitiada", "a catalogação dos sentimentos são atributos femininos".

Novamente, reitera-se a qualidade de uma literatura movida pelas sensações: "toda a obra, repito, é um longo, exaustivo e minucioso arrolamento de sensações." Os personagens criados pela escritora são descritos como "máquinas de sentir". A escritora é comparada com a inglesa Virginia Woolf e situada em oposição ao escritor James Joyce. O depoimento seguinte, do psicanalista Hélio Pellegrino, retoma a metáfora do fogo interno, da alma que incendeia: "À semelhança de Van Gogh, ela sabia, com a pele do corpo —e da alma, que debaixo de tudo lavra um incêndio."

Belas fotos de uma moça Clarice pescando numa pequena embarcação

em águas calmas são pontuadas por versos de poetas consagrados: Carlos Drummond de Andrade, 5 de maio de 1974, "Querida Clarice: Que impressão me deixou o seu livro! (...) Obrigado, amiga!"; João Cabral de Melo Neto, 1985: Clarice adorava falar da morte; Cazuza, 1989, versos inspirados em "O Corpo". Fotos com o marido em Veneza, frases soltas. Seguimos seu percurso e ela nos olha fixamente enquanto o marido se distrai com a paisagem: "todos nós estamos sob pena de morte". Depois vem os filhos, a escritora é mãe e os meninos brincam na neve. Em outra foto Clarice olha fixamente para um cacho de bananas. A exposição procura mostrar uma mulher simples, em muito diversa da imagem monumentalizada de Euclides da Cunha em São José do Rio Pardo.

No catálogo, um texto anuncia outros eventos: leituras dramáticas de seus textos, palestras —onde se vê a indicação de que a escritora Marina Colassanti falará sobre "A convivência com a escritora", o escritor Affonso Romano de Sant'Anna estará ao vivo "Lembrando Clarice" e as amigas Nélida Piñon e Marly de Oliveira dedicarão uma noite para "Memórias e lembranças" (a amizade com a escritora). Uma foto pungente lembra Clarice já doente cercada pelas amigas. Fotos de filmes e vídeos inspirados em sua obra anunciam outras atrações.

Outra imagem da escritora seguida das traduções de seus livros para outras línguas. Bilhetes, cartas. De seu próprio pulso e de escritores consagrados. São manuscritos com grande potencial aurático: Drummond, Érico Veríssimo, Hélio Pellegrino, Lúcio Cardoso. Nova referência ao pouco valor atribuído aos significados, ao mundo da razão: "Posso não ter sentido mas é a mesma falta de sentido que tem a veia que pulsa."

A máquina de escrever é o ponto alto. Ambientada em uma vitrina ao final da exposição com uma luz que contrasta com o clima de penumbra de todo o resto, a velha Underwood emerge aos nossos olhos como parte de Clarice. Como um fragmento de seu corpo. Instrumento de criação, ela nos permite visualizar imaginariamente Clarice compondo, criando. Enormes painéis onde a escritora aparece com a máquina sobre o colo complementam essa idéia. Atingimos o clímax. Imaginariamente possuímos Clarice. Por alguns segundos, desvendamos o seu mistério.

---

---

## CONCLUSÃO

Vivemos cercados por comemorações. Rituais comemorativos não nos parecem nenhuma novidade tal a sua frequência no dia a dia de nossas vidas. Essas comemorações são próprias do mundo moderno, onde se observa uma tendência à fragmentação da vida coletiva. Ao lado do surgimento do individualismo moderno, o Ocidente assistiu a um movimento de “perda da memória”, com o rompimento das antigas tradições. Walter Benjamin sinalizou o fato de que esse mesmo individualismo significou o prenúncio da morte da comunidade de ouvintes. Com o fim desta comunidade, as experiências não mais puderam se comunicar. O mundo da modernidade é um mundo pulverizador. “Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes.” As narrativas entraram em extinção, surgiram novas formas de comunicação das quais a imprensa é o exemplo paradigmático: nesse contexto importa informar, noticiar o novo.

As comemorações adquiriram um significado especialmente importante

no momento em que o rompimento da memória com as antigas tradições e com o costume levou à criação de novos mecanismos. Myrian Santos fala em uma ameaça de amnésia que passou a rondar permanentemente o mundo moderno. Surgiu a necessidade de instituir novas formas de preservação, de memorização, de arquivamento. Pierre Nora fala em “lugares de memória”, Éric Hobsbawm e Terence Ranger cunharam a expressão “tradições inventadas”. Em linhas gerais, esses pesquisadores estão se referindo a um mesmo processo, enunciando que, não mais havendo uma memória incorporada na tradição e no costume, teria sido necessário criar lugares próprios para a sua construção.

Procuramos com este artigo contribuir para a qualificação da construção moderna do campo da memória social, mostrando as diferenças entre duas comemorações de escritores por ocasião de seus aniversários de morte. No caso de Euclides da Cunha, trata-se de um movimento gerado no interior da sociedade civil que já dura quase um século. No caso de Clarice Lispector, retratamos um evento efêmero num centro cultural vinculado ao Estado. Meu objetivo foi mostrar como mesmo uma modalidade singular de comemoração, como são os rituais de evocação dos mortos, pode apresentar diferenças significativas.

São José do Rio Pardo transformou-se em uma “cidade-monumento” e todo o ano realiza um ritual para lembrar o escritor durante a semana do aniversário de sua morte. Esse ritual assemelha-se às romarias dos santos cristãos, onde existe uma meca, um território sagrado, de preferência marcado pelos próprios passos do “santo” que um dia ali pisou. Os objetos ali estão dispostos de forma fixa, consagrados, estabelecidos. A paisagem foi reconstruída de

forma a recompor um pretense passado. A cabana, o túmulo com seus restos mortais, a paineira, o rio, a ponte, enfim, um conjunto de objetos dispostos de forma quase eterna procura reter a passagem do tempo, fixando-se num ponto do passado. O recanto euclidiano, testemunha material de sua passagem pela pequena cidade, possibilita a participação no ritual sagrado de um grupo de admiradores ano após ano. Nesse sentido, os euclidianos formam, até certo ponto, uma comunidade de ouvintes, e o trabalho que realizam no que tange ao escritor guarda certa proximidade com o trabalho do narrador descrito por Walter Benjamin.

Seguindo as proposições de Trilling, o Euclides dos euclidianistas atualiza uma concepção de pessoa predominantemente referida na idéia de “sinceridade”, ou seja, que privilegia uma sociedade relacional. Os euclidianos estão imersos numa totalidade discursiva onde a categoria ‘nação’ desempenha papel central. Euclides é um ícone da nacionalidade, e é sua história exemplar enquanto modelo e experiência de civismo que importa transmitir.

Por outro lado, o ritual de evocação de Clarice Lispector ocorre num templo da chamada pós-modernidade. O CCBB surge como um arrojado centro cultural numa cidade marcada pelo cosmopolitismo como é o Rio de Janeiro. Esta instituição cultural enfatiza a veiculação de informações diversas para ampliar o universo cultural dos seus milhares de visitantes. Assim, ao percorrerem a exposição de Clarice Lispector os frequentadores do centro buscam sorver informações e emoções. Estas se adicionarão àquelas já sorvidas por outros eventos e às que ainda estão por vir.

Neste ritual enfatiza-se uma concepção de pessoa onde a noção de “autenticidade” desempenha relevante

papel. As relíquias da escritora são móveis. Uma máquina de escrever portátil é o ponto alto, contrastando com a pequena cabana de Euclides. A máquina de escrever é compatível com a própria trajetória de Clarice que nos é apresentada: uma escritora que valoriza o mundo interior enquanto geografia da alma, passando grande parte de sua vida em cidades cosmopolitas no exterior ou no próprio Rio de Janeiro. Deixando o terreno dos vivos, Clarice torna-se de forma plena o que K. Pomian chamou de “ser-semióforo”. Tal como os objetos que compõem uma coleção de museu, a pessoa Clarice retirou-se do circuito da vida material para ingressar num outro, predominantemente simbólico. Não havendo mais o corpo de Clarice, é sua alma que se procura resgatar. Para isso, são necessários os objetos evocativos: palavras impressas em cadernos, fotografias, livros, notícias em jornais, fragmentos de uma vida que se dissipou. Uma biografia, uma cronologia são os primeiros passos nessa busca, nessa construção de uma totalidade de um ser findo (lembrando a todos nossa própria finitude). Alma de uma escritora que viveu 57 anos, de 1920 a 1977, sendo que a maior parte deles no Rio de Janeiro. Trajetória que se caracterizou pela mobilidade tanto em termos de moradia (viveu em muitos lugares, inclusive no exterior), quanto em termos de trabalho (foi colaboradora de diversos jornais, nunca se fixou em um único emprego).

A construção póstuma de Clarice destoa daquela que envolve Euclides, onde o interior é valorizado em contraposição ao litoral. A cabana que serviu ao escritor é um ícone da valorização do mundo exterior enquanto um território demarcado e fixo –o sertão, cerne da nacionalidade. A placa de bronze superposta à cabana sinaliza o valor

que esse pedaço de território tem para os euclidianos. O sertão, o interior do Brasil, equivaleria ao lugar da produtividade, da obra duradoura, em contraste com o litoral, lugar do improdutivo e da obra efêmera. O ritual em torno da memória deste escritor tem um sentido de durabilidade, de permanência. Neste caso, é valorizado o cérebro, a razão, o pensamento. Já a comemoração que lembra Clarice emerge paradoxalmente como o ato de imortalizar o efêmero, valorizando os sentidos, o coração, o instante.

Euclides da Cunha é apresentado como seus personagens, produto de uma pesquisa de campo, de uma busca desenfreada de documentos que atestem sua realidade. Comparado a escritores fundadores de literaturas nacionais, como Cervantes e Camões, o escritor está vinculado também a essa totalidade discursiva, designada por literatura nacional.

As diferenças significativas que se fazem sentir nos rituais evocativos de dois escritores nos remetem às preocupações pioneiras de Halbwachs no estudo da memória social. Relativizando as afirmações de Bergson, que acreditava que o espírito conservava em si o passado em sua inteireza e autonomia, Halbwachs abriu caminho para pensar na lembrança como a re-criação do passado no presente, ou seja, em função dos valores do presente. Como assinalou Ecléa Bosi, “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, ‘tal como foi’, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações

que povoam nossa consciência atual.” (Bosi, 1979:17).

A função da memória social consiste em atualizar e difundir valores no presente. Ao evocar o passado, os agentes envolvidos nessa construção re-criam o passado em função de seus interesses e de suas visões de mundo no presente. É bom lembrar que é sempre no mundo dos vivos que rituais de evocação dos mortos fazem sentido.

---



---

## Notas

1. No dia 18 de julho de 1985, num ciclo de palestras dedicado a Euclides da Cunha na Academia Brasileira de Letras no Rio de Janeiro, o então presidente da ABL, Austregésilo de Athayde, foi solicitado por euclidianistas e produtores culturais a apoiar financeiramente um filme sobre a vida e a obra de Euclides da Cunha. O acadêmico então respondeu: “Considero da maior importância que se realize um filme sobre Euclides da Cunha, mostrando às novas gerações obra de tão grande vulto para a literatura brasileira. Entretanto, como a Academia Brasileira de Letras poderia apoiar tal projeto? Não seria justo com os demais imortais... Afinal, esta é a casa de Machado, de Castro Alves ... e de tantos outros. No caso de apoiarmos um filme sobre Euclides teríamos que contemplar todos os outros e isto representaria um investimento de tão grande monta, que em princípio me parece completamente inviável.”

O depoimento do presidente da ABL representa sem dúvida uma visão radicalmente diversa daquela que anima os euclidianistas. Podemos dizer, a partir das reflexões de Walter Benjamin, que o presidente da ABL encontrava-se imerso num “mundo da informação”. Neste mundo, os acadêmicos são alinhados e postos em condição de igualdade. Procura-se informar os outros sobre as contribuições de cada um com relação à constituição de uma litera-

tura brasileira. As informações devem ser objetivas e cada autor deve merecer o mesmo espaço, pois cada um a seu modo deu sua contribuição. Nesse mundo, apenas teriam lugar projetos como aqueles descritos por Ana Cristina César em pesquisa sobre filmes focalizando escritores. Ana Cristina comenta a iniciativa do Instituto Nacional do Cinema Educativo, em 1936, de focalizar "personalidades literárias" no cinema sob a direção de Humberto Mauro. A maior preocupação neste caso era pedagógica e enciclopédica. Os primeiros escritores contemplados foram Machado de Assis (1939), Euclides da Cunha (1944), Vicente de Carvalho (1945), Martins Pena (1947), Castro Alves (1948) e Rui Barbosa (1949). Esses escritores formavam pois uma galeria e deviam ser mostrados como galeria. Havia inclusive uma norma determinando o modo e o tempo que deveriam ser dedicados a cada documentário. "Em forma de filme, o livro sai da estante e abre-se às multidões, cheio de luz, som e claridade." O filme não deveria deixar o lugar seguro da exposição racional e unívoca dos saberes escolares. Esta exposição, em nível cinematográfico, se realizaria através da narração em *off* feita por um locutor de voz cultivada e enfática, e de imagens que ilustrariam o texto da narração (César, 1980:18).

O distanciamento do narrador com relação ao escritor focado é uma das condições necessárias para o bom andamento de um projeto deste tipo. Aqui predomina a informação racional, "nítida, minuciosa, detalhada". O filme deve ser "claro, sem dubiedades; lógico, no encadeamento de suas seqüências". O locutor com sua voz cultivada e enfática assegura a ausência de qualquer aspecto subjetivo que possa denunciar eventuais preferências literárias por parte dos diretores do projeto. O objetivo é mostrar que, embora diferenciados em alguns aspectos, todos os escritores têm valores absolutamente equivalentes. Como assinala Ana Cristina, esses filmes são reduplicações mais atraentes da linguagem do livro didático, do verbete enciclopédico. Amémoria aqui é encompasada pela história com suas normas e seu cabedal de

classificações e alinhamentos. Como pano de fundo, está a idéia de uma história da literatura em permanente construção.

2. Um dos euclidianistas mais celebrados, o dr. Oswaldo Galotti nasceu em Espírito Santo do Pinhal, cidade do interior de São Paulo, em 1911. Ainda menino foi morar em São José do Rio Pardo onde residem muitos de seus familiares. Contam os euclidianistas que, um dia, quando jovem, seu pai lhe teria entregue um livro para ser doado a uma biblioteca que estava sendo formada em uma escola próxima a São José do Rio Pardo. O jovem rapaz, percorrendo de trem a distância que separava as duas cidades, foi lendo o livro durante a viagem. Ficou tão entusiasmado que não o largou mais. O livro era *Os sertões*.

O dr. Galotti passou um período de sua vida estudando no Rio de Janeiro na Universidade do Brasil. Formou-se em medicina em 1933 e retornou a São José do Rio Pardo. Atuando no euclidianismo, criou em 1935, juntamente com um professor de literatura, Hercílio Ângelo, as "semanas euclidianas" em São José do Rio Pardo. Paralelamente, o dr. Galotti trabalhava como médico percorrendo inúmeras cidades do interior de São Paulo como diretor do Serviço de Oftalmologia Sanitária da Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo. Na década de 60, impressionado com a incidência do glaucoma, doença na vista causada pela situação de miséria em que viviam os trabalhadores rurais, decidiu dedicar-se de corpo e alma a essa causa, exercendo uma medicina voltada essencialmente para a população carente do estado.

Devido a essa atividade profissional, o dr. Galotti foi visto como "subversivo" pelas autoridades governamentais em 1964. Foi preso como comunista, permanecendo na prisão durante 40 dias. Ao deixar a prisão passou a morar na capital paulista, onde reside até hoje. Desde então vem-se dedicando quase que exclusivamente ao movimento euclidianista, realizando pesquisas sobre a vida e a obra do escritor. Sua casa é uma espécie de arquivo com documentos raros sobre o escritor. Considerado como

uma das principais referências sobre Euclides da Cunha, o dr. Galotti é sem dúvida o que o historiador Pierre Nora qualificou como "homem-memória". Frequentemente tem sido procurado por pesquisadores brasileiros e estrangeiros que o consideram grande autoridade no assunto.

3. Comparando-se a seus colegas de faculdade na década de 50, ela recordava que já naquela época destoava do grupo: preferia ficar pensando e inventando a pegar no lápis para desenhar. "Só o ócio dá criatividade" dizia ela. No seu entender, embora tenha seguido uma vitoriosa carreira como arquiteta trabalhando nos melhores escritórios de arquitetura do país, como os de Oscar Niemeyer e de Lúcio Costa, seu depoimento valoriza a busca de caminhos alternativos, "não convencionais" como qualifica.

---

## Referências bibliográficas

- ABREU, Regina. 1989. "Sangue, nobreza e política no Templo dos Imortais". Rio de Janeiro, UFRJ, PPGAS (tese de mestrado).
- \_\_\_\_\_. 1994 "Emblemas da nacionalidade: o culto a Euclides da Cunha", *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n 24.
- ARIÈS, Philippe. 1989. *Sobre a história da morte no Ocidente desde a Idade Média*. Lisboa, Teorema.
- ASSIS, Dilermando de. 1946. *Um nome, uma vida, uma obra*. Rio de Janeiro, edição do autor.
- ASSIS, Judith de. 1987. *Anna de Assis: história de um trágico amor*.
- BACKZO, Bronislaw. 1984. *Les imaginaires sociaux: mémoire et espoir collectifs*. Paris, Payot.
- BARROS, Myriam M. Lins de. 1989. "Memória e família", *Estudos Históricos*, n 3.
- BELLAH, Robert N. 1975. *The broken covenant: American civil religion in time of trial*. New York, The Seabury Press.
- BENEDICT, Anderson. 1983. *Imagined communities*.
- BENJAMIN, Walter. 1987. "O narrador" e "A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica", em *Obras escolhidas*. São Paulo, Brasiliense.
- BOSI, Ecléa. 1979. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo, Bibl. de Letras e Ciências Humanas da USP.
- BOURDIEU, Pierre. 1974. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo, Perspectiva.
- \_\_\_\_\_. 1975. "Le couturier et sa griffe: contribution à une théorie de la magie", *Actes de la Recherche*, n 1, jan. 1975.
- \_\_\_\_\_. 1993. "Esprits d'État: gènese et structure du champ bureaucratique", *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n 96-97.
- BRANDÃO, Adelino. 1982. *Enciclopédia de estudos euclidianos* n 1. São Paulo, Jundiaí.
- \_\_\_\_\_. 1990. *Águas de amargura*. Rio de Janeiro, Rio Fundo.
- CARVALHO, José Murilo de. 1990. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras.
- CARVALHO, José Jorge de. 1992. "O lugar da cultura tradicional na sociedade moderna", *Série Encontros e Estudos 1*. Rio de Janeiro, IBAC-FUNARTE.
- CÉSAR, Ana Cristina. 1980. *Literatura não é documento*. Rio de Janeiro, MEC-FUNARTE.
- CUNHA, Euclides da. 1982. *Os sertões*. São Paulo, Abril Cultural.
- DARNTON, Robert. 1984. "Os leitores respondem a Rousseau: a fabricação da sensibilidade romântica", em *O grande massacre de gatos*. Rio de Janeiro, Graal.
- DUMONT, Louis. 1985. *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro, Rocco.
- ELIADE, Mircea. 1972. *Mito e realidade*. São Paulo, Perspectiva.
- ELIAS, Norbert. 1990 [1939]. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro, Zahar.
- \_\_\_\_\_. 1991. *Mozart: sociologie d'un génie*. Paris, Seuil.
- FARIA, Luiz de Castro. 1991. "A obra de Oliveira Vianna". Rio de Janeiro, UFRJ-PPGAS (mimeo).

- FAUSTO NETO, Antônio. 1991. *Mortes em derrapagem*. Rio de Janeiro, Rio Fundo.
- FOUCAULT, Michel. 1969. "Qu'est-ce qu'un auteur?", *Bulletin de la Société Française de Philosophie*. Paris, Armand Colin.
- \_\_\_\_\_. 1971. "Sobre a arqueologia das ciências: resposta ao Círculo Epistemológico", em *Estruturalismo e teoria da linguagem*. Petrópolis, Vozes.
- GARCIA JR., Afrânio. 1993. "Les intellectuels et la conscience nationale au Brésil", *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n 98.
- GONÇALVES, José Reginaldo. 1988. "Autenticidade, memória e ideologias nacionais", *Estudos Históricos*, n 2.
- \_\_\_\_\_. 1991. "O jogo da autenticidade: nação e patrimônio cultural no Brasil", em *Ideólogos do patrimônio cultural*. Rio de Janeiro, IBPC.
- GOULEMOT, Jean-Marie e WALTER, Eric. 1986. "Les centennaires de Voltaire et de Rousseau", em Pierre Nora (org.), *Les lieux de mémoire*. Paris, Gallimard.
- HALBWACHS, Maurice. 1968. *La mémoire collective*. Paris, PUF.
- HOBBSAWM, Eric. 1984. *A invenção das tradições*. São Paulo, Paz e Terra.
- \_\_\_\_\_. 1991. *Nações e nacionalismo desde 1870*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- NAMER, Gerard. 1987. *Mémoire et société*. Paris, Méridien Klincksieck.
- NORA, Pierre. 1984. "Entre mémoire et histoire", em *Les lieux de mémoire*. Paris, Gallimard.
- OLIVEIRA, Lucia Lippi. 1990. *A questão nacional na Primeira República*. São Paulo, Brasiliense/CNPq.
- PEIRANO, Marisa. 1991. *Uma antropologia no plural*. Brasília, UnB.
- POLANYI, Karl. 1980. *A grande transformação*. Rio de Janeiro, Campus.
- POMIAN, K. 1983. "Coleção", em *Enciclopédia Einaudi*.
- PONTES, Heloísa. 1989. "Retratos do Brasil: editores, editoras e 'Coleções Brasiliana' nas décadas de 30, 40 e 50", em Sergio Miceli (org.), *História das ciências sociais no Brasil*, vol. 1. São Paulo, Vértice/Idesp/Finep.
- REIS, João José. 1991. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XX*. São Paulo, Companhia das Letras.
- ROQUETTE-PINTO, E. 1927. *Seixos rolados (estudos brasileiros)*.
- \_\_\_\_\_. 1933. *Ensaio de antropologia brasileira*. São Paulo, Nacional.
- SAINT-MARTIN, Monique de. 1992. "A nobreza em França: a tradição como crença", *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n 20, ano 7.
- SEVCENKO, Nicolau. 1983. *Literatura como missão*. São Paulo, Brasiliense.
- SIMMEL, Georg. 1971. *On individuality and social forms*. Chicago, The University of Chicago Press.
- TRILLING, Lionel. 1972. *Sincerity and authenticity*. Cambridge, Harvard University Press.
- VELLOSO, Mônica. 1988. "A literatura como espelho da nação", *Estudos Históricos*, n 2.
- VENTURA, Roberto. 1991. *Estilo tropical*. São Paulo, Companhia das Letras.

(Recebido para publicação em julho de 1994)

---

Regina Maria do Rego Monteiro de Abreu é pesquisadora da Coordenação de Folclore e Cultura Popular do IBAC/FUNARTE e doutoranda do PPGAS-UFRJ.